

Revista Zona Oeste Leitora: liderança feminina negra na cena literária do subúrbio do Rio de Janeiro¹

Ana Carla Ferreira Longo Moraes²

Rosangela Malachias³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Este trabalho discorre sobre o percurso metodológico de criação de um produto educ comunicativo, a Revista Zona Oeste Leitora. Tomando como ponto de partida a “interseccionalidade” (COLLINS; BILGE, 2021) entre gênero, raça e localização geográfica, buscou-se potencializar e visibilizar a cultura local, sobretudo, a cena literária da Zona Oeste do Rio de Janeiro, tendo como enfoque a ideia de “Liderança Feminina Negra” (ANISZEWSKI; MALACHIAS, 2020). Para isso, realizou-se uma entrevista semi-estruturada com uma autora e bibliotecária da região, Pituka Nirobe, mulher negra e quilombola, moradora e atuante na Z.O. As reflexões teóricas a partir desse encontro incluem autoras, como: Leda Maria Martins (2003, 2021), Lélia Gonzalez (2020), bell hooks (2013), entre outras.

Palavras-chave: comunicação; educação; gênero; raça; pluralidade.

Introdução

A Zona Oeste ocupa mais de 75% do território da cidade do Rio de Janeiro (TOKARNIA, 2023). A mesma cidade que foi escolhida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) para ser a Capital Mundial do Livro, em 2025. Afastada do centro e da Zona Sul da cidade, a Zona Oeste foi construída sob a noção de “subúrbio ou periferia isto é, uma identidade produzida em oposição a um ‘centro’ além de ser frequentemente retratada como lugar distante e privado de bens e serviços, já denota o processo de hierarquização social materializado no território” (NASCIMENTO, 2014, p. 51).

Buscando pensar nesse lugar para além da noção de ausências, criou-se um produto educ comunicativo, resultado da disciplina “Tópicos Especiais — Interfaces

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ), na Linha de Pesquisa Cultura das Mídias, Imaginário e Cidades. Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: carlaanasc3292@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho realizado e idealizadora da disciplina “Tópicos Especiais — Interfaces Educomunicativas: Mulheres Líderes em Contextos Local e Global”. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: rosmalach@gmail.com.

Educomunicativas: Mulheres Líderes em Contextos Local e Global”: a Revista Zona Oeste Leitora⁴. Tendo como enfoque os diálogos entre Comunicação, Educação, Antirracismo, “Liderança Feminina Negra” (ANISZEWSKI; MALACHIAS, 2020) e direitos humanos, parte-se do conceito de “interseccionalidade” (COLLINS; BILGE, 2021) para compreender a inter-relação das categorias de gênero, raça, classe, nacionalidade, localização geográfica, entre outras, como cruciais para refletir acerca das pluralidades de olhares que constituem o debate acerca do protagonismo feminino.

Aqui, pretende-se contar o percurso metodológico de criação dessa revista, que tem como principal seção uma entrevista com uma autora e bibliotecária negra, Pituka Nirobe, mulher quilombola, moradora e atuante na região da Zona Oeste. Primeiro, discorreremos sobre a metodologia da entrevista; depois, sobre as reflexões teóricas de autoras negras em diálogo com o trabalho e; por fim, serão apresentadas as contribuições desta pesquisa.

Entrevista e história de vida: percurso metodológico

A princípio, por questão de proximidade⁵, a pesquisa enfocaria os bairros de Santa Cruz e Campo Grande. Assim, comecei a buscar por uma mulher que realizasse um papel de liderança na cena literária em um desses bairros. Encontrei a líder local que gostaria de conversar através do *Instagram* da Biblioteca Municipal Manuel Ignácio da Silva Alvarenga, localizada em Campo Grande, o bairro mais populoso e extenso da cidade (O GLOBO, s./d.).

Pituka Nirobe era um nome recorrente nas postagens. Logo, busquei o e-mail da biblioteca e entrei em contato com a bibliotecária, apresentando-me e explicando a proposta da disciplina e o porquê queria entrevistá-la. Na resposta, ela me enviou seu telefone celular e pediu que eu ligasse para ela, a fim de marcarmos um dia para minha visita ao espaço. Assim, elaborei um Termo de Consentimento, a fim de formalizar a autorização de sua participação na pesquisa.

⁴ Disponível em: https://issuu.com/anacarlalongo/docs/revista_zona_oeste_leitora_-_novembro_de_2024. Acesso em: 10 jun. 2025.

⁵ Este trabalho é um desdobramento da minha pesquisa de doutorado, em andamento, acerca da autoria feminina na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Além de haver uma motivação pessoal, visto que sou moradora de Santa Cruz, bairro da Zona Oeste, e também escritora, há a importância de visibilizar e trazer a região para discussão dentro da academia, reivindicando seu lugar enquanto produtora e criadora de cultura, palavras e escritos, escutando suas autoras. A pesquisa vem sendo orientada pela Prof^ª Dr^ª Denise Siqueira. Aqui, falo a partir do lugar de uma mulher branca, por isso, há o cuidado em me referenciar em autoras negras e pensar nas interseccionalidades das questões de gênero.

Liguei, marcamos a melhor data e horário dentro da sua disponibilidade e fui conhecer a biblioteca, como combinado. Assinei meu nome na lista de visitantes assim que atravessei a porta e fui recebida pelos funcionários do local. Pituka me recebeu com um abraço e me levou até sua sala. A conversa e a apresentação do espaço já começaram antes da entrevista começar efetivamente, Pituka foi aberta e receptiva, familiarizada ao seu trabalho.

Entreguei-lhe o Termo de Consentimento, expliquei o objetivo do documento e aguardei o tempo necessário para que lesse e assinasse. Logo depois, pedi licença para que iniciasse a gravação. Como técnica de pesquisa, escolhi trabalhar com a entrevista semi-aberta, com questões semi-estruturadas. Como disposto por Duarte (2005), assim, intenciona-se seguir um roteiro de perguntas com flexibilidade e profundidade, com enfoque no caráter subjetivo e não generalizante do fenômeno. Tal modelo também permite comparar respostas e articular resultados, “auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes” (DUARTE, 2005, p. 67).

Trivinões (1987) explica, ainda, que a entrevista semi-estruturada parte de questionamentos/perguntas fundamentais que permitem à pessoa entrevistada participar da elaboração da pesquisa, seguindo espontaneamente sua linha de raciocínio e expressão. Segui um roteiro de perguntas⁶ elaborado previamente mas, como o próprio método sugere, Pituka teve liberdade de trazer assuntos à conversa e, enquanto isso, tomei algumas notas. O áudio da entrevista totalizou 1 hora, 9 minutos e 31 segundos.

Devido à extensão da entrevista, selecionar as principais temáticas e trechos que entrariam na revista foi um desafio. Transcrevi a entrevista através da ferramenta *TurboScribe.ai*⁷, a fim de reduzir o tempo gasto nesse processo e fui ajustando o texto, quando necessário⁸.

Frente a esses desafios, decidi focar principalmente na história de vida de Pituka, na questão da autoria feminina, no seu trabalho como bibliotecária e em educação e nas questões de gênero, raça e localização geográfica. Assim, dividi a

⁶ Entre as perguntas realizadas, estão: “Qual foi a sua influência para começar a gostar de literatura?”; “Você é bibliotecária, autora, contadora de histórias, mas eu queria perguntar como você se vê. Como você se descreve, como você descreve o seu trabalho, a sua história como mulher?”; “Qual é a importância desse espaço e do seu trabalho para incentivar a leitura?”; etc.

⁷ Disponível em: <https://turboscribe.ai/pt/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

⁸ Apesar de autores como Duarte (2005, p. 77) defenderem a ideia de que o próprio pesquisador deve fazer a transcrição para aprender com a entrevista, mesmo com o uso da ferramenta, o texto foi sendo ajustado, quando necessário, bem como a gravação foi retomada em alguns pontos, quando se considerou relevante. Logo, não se perdeu a atenção aos detalhes e aspectos a serem melhorados na etapa de entrevista, como este trabalho ilustra.

entrevista nas diversas líderes e mulheres presentes na liderança em questão: “Pituka Autora e Matriarca”, “Pituka Quilombola e Ativista” e “Pituka Bibliotecária e Educadora”.

A partir disso, surgiu o questionamento acerca da técnica da “história de vida”, visto que a entrevista trouxe temáticas para além da questão literária, mas também acerca das relações familiares desempenhadas por mulheres, por exemplo, rememorações intimamente relacionadas à memória da autora que influenciaram suas escolhas de trabalho e escrita. Segundo Martinez (2015, p. 76), com origem na Antropologia e influência do Jornalismo, a história de vida “busca a compreensão com profundidade e particularidade do comportamento de indivíduos e grupos sociais”.

Diferentemente da entrevista jornalística, em geral mais breve, a coleta de uma história de vida pressupõe necessariamente um entrosamento maior com o entrevistado, visto que a entrevista pode ser única, seriada ou múltipla; estimulada ou não com fotos, vídeos e outros documentos em geral; diretivas (com auxílio de uma pauta previamente elaborada com perguntas ou questionários) ou abertas; longas ou breves. Cada caso revelará a abordagem ideal (MARTINEZ, 2015, p. 85).

Haguette (1995, p. 80) explica, ainda, que o termo “entrevistado” não deve ser entendido como quem simplesmente responde às questões de uma entrevista, por isso, às vezes, é utilizado na falta de um melhor. A autora recorre, assim, ao termo “ator social”. Para ela, a história de vida “está preocupada com a fidelidade das experiências e interpretações do autor sobre seu mundo”.

Além disso, escolhi trazer para a entrevista o formato de “pergunta e resposta”, ou “pingue-pongue”, no Jornalismo. Tendo em vista minha proximidade com o tema, identifiquei-me como moradora da Zona Oeste logo no “Editorial”. A revista, por falar diretamente ao leitor, permitiu-me falar em primeira pessoa, bem como tentar explorar uma linguagem mais intimista e mais próxima do que em um artigo acadêmico.

Desenvolvi a diagramação da revista pelo site *Canva*⁹ gratuito, devido à familiaridade que já tinha com a ferramenta. Também fui a responsável pelos registros fotográficos no dia da entrevista, todos realizados pelo celular. Escolhi, na maioria das vezes, trabalhar com *boxes* conceituais ao longo da revista, explicando conceitos de

⁹ Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

forma mais sucinta e simples, sempre relacionando-os às falas e aos exemplos concretos trazidos por Pituka, a fim de ilustrar melhor a teoria na prática.

Liderança feminina negra: interseccionalidade, ancestralidade e oralitura

Buscando argumentar o lugar da entrevistada como sujeito, pensa-se na “análise do autorrelato” (ANISZEWSKI; MALACHIAS, 2020), bem como na ideia de “narrativas do eu” (OLIVEIRA, 2024), como possíveis pistas metodológicas úteis para tentar equilibrar método de pesquisa, proximidade com o tema e a expressão e percepção de si da liderança feminina. Assim como no trabalho de Aniszewski e Malachias (2020), percebe-se, em Pituka, o reconhecimento coletivo do lugar de liderança, bem como o papel de líder como parte da sua ancestralidade, visto que a autora fala da figura da sua avó.

Ela justifica sua necessidade de resguardar no livro físico a memória do quilombo e da sua família. Há, então, a continuidade entre a tradição oral da cultura negra e a literatura escrita, visto que ela se entende como uma “Akipalô”, uma “contadora de histórias”. Tal perspectiva dialoga com o conceito de Leda Maria Martins (2021), a ideia de “oralituras”, remetendo à potência poética da fala e do corpo, que se torna um portal de alteridades. Logo, não é só a palavra (dita ou escrita) que comunica, mas as grafias do corpo (MARTINS, 2003).

Como educadora, Pituka acredita na relação entre a teoria e a prática e possui proximidade com o ambiente que atua. Muitas de suas falas não eram apenas sobre ela, mas entremeadas pelas histórias de seus alunos, dos jovens que frequentam a biblioteca e dos funcionários que trabalham junto dela. Portanto, é possível relacionar tal olhar coletivo a bell hooks (2013), em sua defesa da educação como prática da liberdade, visto que busca construir uma comunidade de aprendizado, onde alunos e professores devem se encarar como “seres humanos ‘integrais’”, buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (HOOKS, 2013, p. 27).

Tais ideias relacionam-se à sua vivência enquanto uma mulher quilombola:

Eu já nasci sendo uma ativista, porque eu nasci no quilombo e fui criada sabendo quem eu era, da minha descendência. Por parte da minha mãe, eu descendo dos índios tupinambás. Por parte do meu pai, descendo dos negros bantos, que vieram de Angola, falando as línguas

“quimbundo” e “quicongo”. Então, fui criada numa comunidade que compartilhava tudo, na circularidade do conhecimento (LONGO; NIROBE, 2024, p. 10).

Reconhecendo o lugar que ocupa e reivindicando o espaço da Educação que é um direito, a autora realiza, ainda, um trabalho de “advocacy”, ao impulsionar seus alunos a fazerem o mesmo. Segundo Libardoni (2000, p. 208), a ideia de “advocacy” é “defender e argumentar em favor de uma causa, uma demanda ou uma posição”. Isso se exemplifica na sua tentativa de conscientizar os jovens sobre seus direitos: “Então, eu vou mostrando o que foi anteontem com meus pais e meus avós, o que foi ontem comigo e o que é hoje com eles. E eles vão percebendo o empoderamento de onde eles estão, o que eles podem fazer” (LONGO, NIROBE, 2024, p. 12).

A autora também ocupa os espaços da academia, tendo título de Mestre em Gestão de Museus, por isso, busca articular teoria e prática e aproximar os jovens da Zona Oeste do espaço da universidade como lugar alcançável. Também é importante perceber como ela própria reconhece a importância do seu trabalho e seu papel de liderança:

Eu me coloco como uma referência pra esses jovens, porque eu sou aquilo que vem na contramão de uma sociedade preconceituosa, machista, homofóbica. Porque eu sou uma mulher negra, eu sou uma mulher da Baixada Fluminense, da Zona Oeste, eu nasci no quilombo, então eu sou tudo aquilo que vai contra uma sociedade. [...] Então, eu tenho muito exemplo aqui, né? As meninas falam: “Se a tia Pituka foi, por que eu não vou? Vou sim!”. É isso, mete o peito e vai. Porque a gente acaba sendo referência, querendo ou não, os mais jovens acabam se espelhando em você, porque tão vendo ali, tá ao vivo e a cores, sabe? Eu não sou uma coisa etérea, eu não sou uma coisa pirotécnica, eu sou uma realidade (LONGO; NIROBE, 2024, p. 11).

Construindo uma Zona Oeste que lê

Pituka relata a sua responsabilidade de escrever Literatura Infantil como extensão do seu trabalho como educadora, mas também como uma responsabilidade espiritual de preparar o espírito da criança para o mundo. Mais uma vez, tal relação remete a bell hooks, quem acredita que o papel da educadora é também “participar do crescimento intelectual e espiritual” (HOOKS, 2013, p. 25) de quem aprende.

A literatura que escreve reforça esse compromisso. A autora busca resgatar e registrar as histórias do quilombo e da sua família, um processo de recontar a

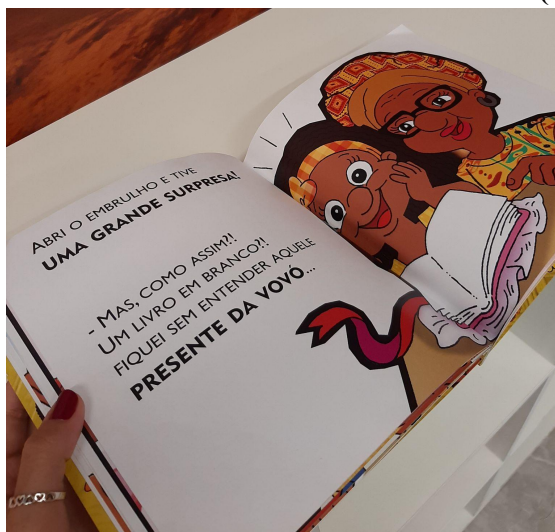
“memória” que, para Lélia Gonzalez (2020), está ligada ao processo de contar a história que não foi escrita. Trata-se de um registro da “ancestralidade” (MARTINS, 2021), da cosmo percepção coletiva africana e quilombola. Isso se ilustra em seus livros: “Kabu & Ketula” (2017), onde conta a história de dois jovens quilombolas e suas lutas cotidianas, baseada na história do seu bisavô; e “O Presente da Vovó” (2023), a história de quando ganhou um livro em branco de sua avó, se tornando uma “Akipalô” e uma escritora.

Figura 1 - Trecho de “Kabu & Ketula” (2017)



Fonte: Foto da autora.

Figura 2 - Trecho de “O Presente da Vovó” (2023)



Fonte: Foto da autora.

Conclusão

A história de vida, a fala, a escrita e o trabalho educativo e cultural de Pituka Nirobe Akipalô evidenciam o potencial da liderança feminina negra e da Zona Oeste do Rio de Janeiro, escancarando a importância de debater raça, gênero, território e outras interseccionalidades. Ao pensar, ainda, no espaço da Zona Oeste, reforça-se a necessidade de registrar as iniciativas culturais e literárias da região, visibilizando o trabalho que é feito e, muitas vezes, pouco reconhecido.

Tal trabalho permite pensar sobre as potencialidades e desafios de trabalhar com a entrevista na pesquisa acadêmica, que exige ética e respeito na relação com quem se escuta; bem como a proximidade com o cenário de pesquisa pode ser um facilitador e um desafio, simultaneamente. Nesse caso, é possível tratar-se de uma pesquisa participante, em desenvolvimento e com mais desdobramentos até a conclusão da tese de doutorado.

Referências

ANISZEWSKI, Ellen; MALACHIAS, Rosângela. DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS SOBRE LIDERANÇA FEMININA NEGRA: ENTRE O TERREIRO E A ESCOLA. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 11, n. 33, p. 112–127, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4601>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BIBLIOTECA MANUEL IGNÁCIO DA SILVA ALVARENGA. Rio de Janeiro. Instagram: @bp_campogrande. Disponível em: https://www.instagram.com/bp_campogrande/. Acesso em: 27 nov. 2024.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo, Editora Boitempo, 2021.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2005, p. 62-83.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: Ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAGUETTE, Teresa Maria F. A história de vida. In: **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1995, p. 79-85.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LIBARDONI, Marlene. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E VISÃO ESTRATÉGICA DA ADVOCACY. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 207, 2000. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11936>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LONGO, Ana Carla; NIROBE, Pituka. **Zona Oeste Leitora**, n. 1, Rio de Janeiro, nov. 2024.

MARTINEZ, Monica. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. **Comunicação & Inovação**, [S. l.], v. 16, n. 30, 2015. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2622. Acesso em: 7 jan. 2025.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MARTINS, Leda M. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, G. L. Reconhecimento, redistribuição e território: conceitos, questões e horizontes para as políticas culturais na cidade do Rio de Janeiro. In: BARBOSA, J. L.; DA SILVA, M. B (Org.). **Oeste Carioca**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014, p. 45-55. *E-book*.

NIROBE, Pituka. **Kabu & Ketula**. Belo Horizonte: Nandyala, 2017.

NIROBE, Pituka. **O presente da vovó**. Belo Horizonte: Nandyala, 2023.

OLIVEIRA, Denise da Costa. Narrativas do eu, corpo e riso em fóruns de debates durante a pandemia. In: OLIVEIRA, Denise da Costa; FREITAS, Ricardo Ferreira; FORTUNA, Daniele Ribeiro (Orgs). **Narrativas na pandemia: corpos, escritas e subjetividades**. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2024, p. 94-115.

OS CINCO maiores bairros do Rio. **O Globo**, s/d. Disponível em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/rio/os-cinco-maiores-bairros-do-rio.html>. Acesso em: 17 out. 2024.

TOKARNIA, Mariana. Imensa e desigual, zona oeste é 70% do Rio e tem 41% da população. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 28 out. 2023. Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/imensa-e-desigual-zona-oeste-e-70-do-rio-e-tem-41-da-populacao#:~:text=de%20servi%C3%A7os%20%7C%20transpar%C3%Aancia,Imensa%20e%20desigual%2C%20zona%20oeste%20%C3%A9%2070%25%20do%20Rio,e%20tem%2041%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o&text=Composta%20por%2043%20bairros%2C%20a,%C3%A9%20palco%20de%20grande%20desigualdade>. Acesso em: 18 jul. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO nomeia o Rio de Janeiro a Capital Mundial do Livro 2025. **Unesco**, 6 out. 2023. Disponível em:
<https://www.unesco.org/pt/articles/unesco-nomeia-o-rio-de-janeiro-capital-mundial-do-livro-2025>. Acesso em: 25 nov. 2024.